

## Um e Outro <sup>1</sup>

Paulo Medeiros <sup>2</sup>

Quanto mais lemos Lacan, diante das suas formulações, construídas passo a passo, ano a ano, vamos formando a convicção de seu esforço contínuo em escriturar, escrever com pequeninas letras, letras algébricas, fórmulas lógicas que possam escriturar, em fragmentos, no campo Simbólico, algo sobre a dimensão Real na fala. Enfim, ele as inventa, as suas letrinhas algébricas, para dar conta de algo da dimensão Real pela via da dimensão Simbólica.

Por analogia, não sei se facilitará, ou, ao contrário, dificultará, nossa compreensão do que seja esse Real abordado pelo Simbólico, trago-lhes um exemplo de uma ocorrência no campo matemático que considero da maior importância e que foi divulgada, amplamente, ao modo de pequena nota, ou notícia, dessas feitas sem alarde, com discrição. Tratou-se da formulação do cálculo de um novo número primo na História. Os números primos, lembrança ainda dos tempos escolares, são aqueles números que têm por únicos divisores exatos a unidade e eles mesmos. Esse novo número primo é também chamado *Mersenne*, isto é, um tipo especial definido por dois elevado a uma potência específica menos um. Sete, por exemplo, é um *Mersenne*, pois é dois elevado ao cubo menos um ( $2^3-1$ ). Um *Mersenne* é tão raro que há apenas 43 conhecidos pelos matemáticos<sup>3</sup>.

Essas ponderações estimulam certas reflexões quando associadas a algumas intervenções surgidas nas falas analisantes, sobretudo as reticências, motivo maior deste seminário de Lacan chamado ...*Ou Pire*. A nossa função enquanto psicanalistas está relacionada à atribuição de um agente paterno para tornar possível a substituição do sentido imaginário e do fantasmático do Real em palavras que possam falar disso; nessa função encontra-se o ato analítico, ou seja, a dimensão do Simbólico significante na fala, que irá colocar, a seu tempo, o psicanalista em seu devido lugar, onde já estava desde antes, *semblant* do objeto do desejo.

---

<sup>1</sup> Esse escrito escreveu-se, por meu intermédio, associado à narrativa de um sonho entreouvido numa sessão de análise e aos nossos debates do texto transcrito de ...*Ou Pire*, de Lacan.

Nesse sonho a literalidade de uma letra é atribuída, por meio de sua sonoridade, a uma imagem construída de modo fantasmático, indelével, de um Real que surgiu e pode ser abordado pelo Simbólico na leitura significativa dessa letra.

<sup>2</sup> Revisão gramatical: Dulcinea Santos.

<sup>3</sup> A história, narrada sem maiores detalhes - o que é uma pena, pois os detalhes, para nosso *affaire* de analistas, compõem o quadro com os elementos mais interessantes -, é a seguinte, reparem: alguns professores da Universidade Estadual Central do Missouri, nos EUA, calcularam, identificaram o maior número primo (divisível apenas por 1 e por ele mesmo, como, por exemplo, 2, 3, 5 e 7) de que se tem conhecimento. A cifra tem 9 milhões e 100 mil dígitos. Quem descobrir um número primo com 10 milhões de dígitos receberá um prêmio de 100.000 dólares de uma fundação americana. Pois bem, dois matemáticos programaram 750 computadores em rede, por alguns anos, para achar o maior número primo já calculado. Com um Pentium convencional, a conta levaria 67.000 anos para ser concluída.

Assim foi encontrado o 2 elevado à  $304.024.457 (2^{304024457} - 1)$  potência menos 1. Reparem: encontrado, pois encontrado quer dizer via Simbólica.

Reticência, da perspectiva gramatical, refere-se a alguma supressão ou omissão de algo que poderia ou deveria ser dito. Poderia, ou deveria, isso indicando um movimento voluntário, tal como se faz na produção textual quando se colocam três pontos dispostos paralelamente à linha e ao lado de alguma palavra para marcar uma pausa no enunciado, podendo indicar omissão de alguma coisa que não se quer revelar, emoção demasiada, insinuação etc. Mas, para nós, também pode ser um sinal, um signo de indícios de alguma *hiância* diante da dimensão Real na fala<sup>4</sup>. Se tudo o que se diz numa sessão de análise é uma fala em três registros simultâneos, o Real é a dimensão na qual tudo o que se diz, por meio do Imaginário e do Simbólico, ainda não diz o que é para ser dito no campo Real. Marcando os limites sobre o impossível de se dizer o que é para se dizer, as reticências indicam, nessa fala, em sua dimensão Imaginária, ausência de alguma significação pretendida no que foi enunciado e, na dimensão Simbólica, um buraco, uma *hiância* irreduzível.

O exemplo do novo número primo serve para demonstrar que se inventou, se produziu, se elaborou, se construiu um novo cálculo matemático, isto é, pela via Simbólica, realizou-se uma abordagem a uma *hiância* Real. Invenção em contraposição à criação.

Retornando a uma outra passagem em Lacan, anterior à citada antes, encontrada n' *As estruturas freudianas das psicoses*<sup>5</sup>, destaco que Lacan constatou haver algo que, no entanto, escapa à trama simbólica: a procriação, o nascimento de um ser de um outro ser, concluindo que no Simbólico nada explica a criação. Entendo estar aí a designação da Vida nesse domínio do Real e a da Morte no campo do Simbólico; no entrelaçamento, a regência indispensável do Imaginário e suas significações.

A análise funda-se nesse entrelaçamento em três dimensões da fala, numa relação transferencial que implica dizer alguma coisa para alguém suposto-saber ouvir, para além do dito, um outro dizer; enquanto houver desejo desse falar haverá análise. O mais que fazemos em Psicanálise é uma outra coisa, ainda que só tenha seu valor a partir da relação analítica, é o discurso psicanalítico a tentar dar conta disso. E por mais que tentem desqualificar a função da análise em nome de qualquer moda apreciada e difundida, ela sempre funcionará assim numa fala desejante de ser enunciada até as raízes desse dizer, e seu discurso, isto é, a ordenação e a formalização desse fenômeno só poderá perder seu lugar para o discurso religioso.

---

<sup>4</sup> Numa das passagens do seu seminário ... *Ou Pior*, em 12 de janeiro de 1972, Lacan afirmou estar diante de um

*público suficientemente advertido de que em nosso tempo pôde retomar o esforço lógico para saber que, para abordar algo em princípio tão simplificado quanto real como a aritmética, pôde ser demonstrado que, na aritmética, algo pode enunciar-se sempre, oferecido ou não oferecido à dedução lógica, que se articula previamente sobre aquilo cujas premissas, os axiomas, os termos fundadores, em que se pode apoiar a dita aritmética, permitem presumir como demonstrável ou refutável. Vemos claramente, em um domínio aparentemente o mais seguro, o que se opõe à tomada completa do discurso, à exaustão lógica, o que introduz aí um hiante irreduzível. É aí que designamos o Real.*

<sup>5</sup> 21 de março de 1956.

O sujeito não cria, ele inventa; inventa, daí a singularidade dessa invenção, numa *relação*, a das relações associativas. *Relação* no campo lingüístico é uma interdependência formada entre dois ou mais elementos lingüísticos, e, na lógica, é uma condição estabelecida que liga dois ou mais objetos lógicos. No nosso caso, no campo psicanalítico, é *relação entre-dois*, *entre-dois* significantes. Na análise tudo se passa *entre-dois*, entre dois significantes, ou seja, entre as representações do sujeito. Se houver aí, nessa relação analítica, entre dois sujeitos, reticências, não voluntárias – diferentes das do dizer comum, cotidiano –, como impossibilidade de se dizer tudo, então se trata de uma *hiância*, que indica haver falta de um significante, perda de pelo menos um, pelo menos um significante no todo do Outro na sua relação com o sujeito, o que promove abertura para o *insabido* através de uma falta. Falta e desejo: é haver um menos um para se desejar o que não se tem. Quando nada se passa *entre*, entre-dois significantes, aparecerá um buraco em lugar de uma relação entre o Outro e o Sujeito, havendo delírio nesse lugar, revelando uma perda, não estabelecendo relação entre o significante remetente e o remetido. Há aí, no entanto, nesse buraco, uma fala, é o que demonstra Lacan em *As estruturas freudianas das psicoses*, onde já havia referência às reticências nas frases interrompidas de Schreber.

Na relação sexual entre o homem e a mulher, a relação não existe por ser imaginária e impossível escrevê-la em termos lógicos, ou seja, há, por um lado, a estrutura significante única, e, por outro, há homem e há mulher, o dual. Como uma escrituração pode passar para outra, dual? Tudo o que se puder dizer a respeito ocupará o lugar reticente na fala, esta sim, a própria relação.

Na clínica, na dimensão Simbólica da fala, o significante se apresenta como puro som de palavras fundantes faladas num dialeto, fragmentos do dialeto materno; na dimensão Imaginária da transferência, há o amor, recria-se uma relação de demandas; da dimensão Real nada vem, advindo reticências, faltando fragmentos ao Simbólico. Indagamo-nos, no entanto, se nas reticências entre dois termos, numa fala analítica, pode-se inscrever significantes como se inventa um novo número primo, sejam fragmentos forcluídos ou esquecidos.

Na nossa Jornada anterior, devido ao momento histórico de mais uma eleição Papal, usei o exemplo do Papado para ver se conseguia entender um pouco mais esse Um e sua relação com o Outro. Alguns até acharam que se tratava de alguma recaída religiosa, mas não, até que não, é que, de fato, em se tratando das chamadas verdades universais, há algo a se aprender com Roma. Roma é, palindromicamente, amor. Roma ama, e há nesse amor toda uma semântica que lhe é própria e que lhe é próprio, isto é, a Roma e ao amor.

Então, desta feita, trago-lhes também uma outra notícia importante, divulgada pela mesma mídia: *Deus é amor*, isto é, *Deus caritas est*. É o título da primeira Encíclica do Papa Bento XVI. O novo Papa proclamou, então, o amor do Um. O Um, no caso, é Deus, é o Pai. Desse Um advém o Filho, ou seja, aquilo que todos, na lógica do amor de Roma, deveriam desejar como condição universal: a filiação, o serem todos filhos, filhos de Deus, o Pai. Os uns, a humanidade, no entanto, sendo criaturas a serem adotadas como filhos

através da Redenção promovida pelo Um através do Filho Único. E não menos interessantes são as discussões teológicas sobre se esse Filho é um ser criado ou incriado, devido às condições de sua concepção. Para tornar sua própria criação, o Criador cria o Amor a Ele, o Criador. Para criar e manter esse amor, o Pai mata e ressuscita seu Filho, o único do Um, diga-se de passagem, para que todos os outros uns sejam também filhos seus por meio desse que veio do Um. Então, há nisso uma lógica bastante complexa e absurda sob a perspectiva da Lógica; há uma outra lógica proposta, a da criação e da redenção do criado. A absurdidade lógica requer um salto no absurdo, o salto da fé, ou seja, da transferência, para usar nossos termos. A lógica da Criação e da Redenção do criado afirma, primeiro, haver sido do Nada que Deus, o Um, Único, criou; segundo, essa criação obedeceu a um propósito. Podemos discordar parcialmente da primeira proposição com nossa afirmativa de que não há o Nada, pois há *hiância* e há significantes, e concordarmos em parte com a segunda proposição, a de haver um desígnio, estando a diferença entre ser um desígnio da ordem divina ou a de um começo *insabido*. Para nós *insabido* quer dizer um saber que não se sabe a si mesmo como saber, mas que começa e não termina todas as coisas.

Nós lidamos também com o amor. Em nosso *affaire* há *à faire*, quer dizer, o que fazer com esse amor, isto é, com essa transferência, com essa fé. Há amor na análise, o que não quer dizer que análise seja amor. E nosso *quefazer*, *à faire* para decepção e assombro dos amados e amantes, tem lá sua lógica a informar-nos de que o amor também tem sim lá a sua lógica, uma lógica reticente a indicar *hiâncias*. O amor com que lidamos é um amor impuro, e não encontrará seu lugar no mundo, *i-mundo*, isto é, mundo, no que lhe falta, instaurando o desejo; não é o das Idéias, nem o da Idéia divina, menos ainda o da Razão. É a lógica de um saber que não se sabe como saber, e que estabelece uma relação, daí o amor poder ser chamado relação amorosa tanto quanto denominamos por relação transferencial.

Desde os primórdios de minhas leituras de Lacan consigo ainda preservar na memória sua orientação para a leitura de Freud como um retorno à letra freudiana situada em meio às contingências do humano: a morte, a mulher, o pai. São os elementos com os quais nossa frágil condição, a humana, inconsistente no *desfalasser* de falas tão somente ser, se relaciona. *Relação* enquanto consideração que resulta da comparação de dois ou mais objetos, da interdependência entre dois ou mais elementos linguageiros como condição que liga dois ou mais objetos lógicos. No nosso caso, trata-se da lógica do signifiante, ou seja, de uma lógica voltada para o equívoco, lógica na qual está colocado o elemento excluído do campo da ciência, isto é, o Sujeito. Por isso entendo que a Psicanálise seja um instrumento de análise e não mais um instrumento científico de conhecimento do objeto.

Para compreender um pouco a relação entre Um e Outro e o que isso faz no Sujeito tanto quanto o Sujeito pode fazer disso, apelo também à Literatura, manancial imaginário do tema do amor, sobretudo Guimarães Rosa em *Grande*

*Sertão: Veredas*, dentre outros escritores. Para Rosa, que tanto tratou o amor<sup>6</sup>, *o amor é sempre ilógico, mas cada crime é cometido segundo as leis da lógica*. Mas, apesar disso, ele próprio apresenta a lógica do amor, ao afirmar que *um homem, afinal, não é um homem, se escapa de não pensar primeiro na mulher*. Já Nelson Rodrigues considerava que todo amor implica uma servidão voluntária. E exemplifica numa de suas personagens: *Digamos que eu goste de um homem. Pois bem. Chego junto dele e declaro: Toma minha liberdade, sou tua escrava*. Mas, creio, isso ocorre sob determinação da articulação que subordina o sujeito, algo também já indicado por Shakespeare ao indagar: *Teria, porventura, amado, aquele que não amou à primeira vista?* (*Como gostais*, III, 5). Bem, presumo que alguns de vocês farão objeção à afirmativa que faço de que o amor à primeira vista existe sim, e, pasmemo-nos, previamente designado, desde os começos, por uma lógica, lógica denegada pelos que julgam amar por puro amor ou por amor puro. Enfim, nada demais, trata-se de um logro universal, logro no sentido da captura imaginária. Assim como no mito cristão o Amor precisou ser encarnado, o mito neurótico também incorpora esse amor.

Não sei se me acompanham nesse roteiro ou se concordam com isso, mas, como vêem, tento relacionar agora Um ao Outro como o sexo Um ao Sexo Outro a partir da constatação de fatos linguageiros clínicos, ou seja, extrair de algum modo discursivo singular na fala analisante a relação que aí se apresenta como o que ainda designamos pelo termo *inconsciente* nas relações amorosas enodadas pela morte, pela mulher e pelo pai. O *inconsciente* como uma lógica, não como um lugar, para disso produzirmos alguma invenção no discurso psicanalítico. Enfim, ao escrever, escrevemos para tentar entender o que não é nem um pouco claro como clareza intuitiva, mas sim trato laborioso como é o trabalho de análise, confiando a Freud todo o mérito de, como escreveu Karl Kraus, *ter conferido uma organização à anarquia do sonho, ainda que, acentua, como se tudo neles acontecesse como se estivesse ocorrendo na Áustria*. Até aí nada demais, pois, como sabemos, Freud conseguiu formular o singular em termos míticos universais, o que Lacan formalizará de modo lógico.

Enfim, nessa lógica, um Sujeito está subordinado a uma relação, uma relação com uma função que o determina enquanto uma articulação lógica significativa chamada Outro, e se relaciona com o Outro sexo sem que lhe esteja dada, *a priori*, a diferença entre sexo Um e sexo Outro; só depois, depois em análise ou depois da análise, a diferença é entrevista. Essa é a singularidade da análise. Para o próprio sujeito não lhe é dada uma definição Real, mas Simbólica e Imaginária; Simbólica nos termos culturais de gêneros e Imaginária no conjunto ilusório e aparente de sua imagem corpórea conforme designada no Simbólico da Cultura. Daí, para o que se chama amor, o que se busca encontrar é o tão procurado oásis, que é o que quer dizer *vereda*. Amor ao pai, amor à mulher, e, não nos espantemos, à morte. Do pai, o oásis de um responso; da mulher, o oásis de um encontro buscado numa *relação* com sexo

<sup>6</sup> De Alduíso Moreira de Souza, que sobre *Os impasses do amor* já escreveu, por ser também rosiano, nos conduz a considerações sobre o tema em Rosa.

Outro impossível de ser escrita; na morte, as veredas do viver em seu limite propondo a procriação. Aliás, Platão já dizia que o morrer é o não-desejo de viver e a relação sexual é a relação entre amado e amante buscada na unidade da diferença. Do Um platônico extrai-se a demonstração do que estava antes e do inventar, o produzir múltiplo operado pela separação do Um.

Com essas leituras tentamos, afinal, reaprender sempre alguma coisa renovável sobre Psicanálise, lida também com afinco. Com a metafísica linguagem do Sertão rosiano aprende-se a melhor calar e ouvir, enquanto que com a mitologia freudiana e a lógica lacaniana aprende-se... Bem, aprende-se uma certa lógica possível disso tudo. E, com o abençoado, o Bento, tenta-se fisgar algo sobre o amor ao pai e ao filho morto por esse pai, corroborando haver no crime de Édipo a confirmação de um desejo precedente, além das considerações teológicas inevitáveis sobre a criação a partir do nada. Para os teólogos, o ato de criação é um começo, e um começo à perfeição dos desígnios divinos. Para nós, psicanalistas, resta-nos divergir disso, o que significa que nem sequer sabemos como simbolizar o que se passa no ato procriador. Em nosso *affaire*, lidamos tão somente com atos linguageiros incompletos, mas essa incompletude não nos deve lançar nos domínios do discurso metafísico. *Metá*, para nós, restringe-se ao para-além do dito, aí onde há um outro dizer; mas sempre no próprio dizer, em seus três registros: Real, Simbólico, Imaginário.

O amor, claro, é também ele um discurso. Seria necessário recensear, na medida do possível, os termos designativos para essa relação entre Um e Outro, para a relação entre o sexo Um e o sexo Outro, entre o fálico Um e o múltiplo Outro. A contextualização dos discursos vários sobre o tema pode nos auxiliar imaginariamente a falar sobre a relação sexual, impossível de se escriturar em termos lógicos, na relação advinda entre o Sujeito e a composição dos seus fantasmas, fantasias, e seu desejo, e na relação entre esses e os do semelhante dessemelhante. Aí se instaura o Real dessa relação, a partir dos equívocos significantes em relação ao Simbólico e dos efeitos subjetivos relativos à formação imaginária do eu.

Schopenhauer, em *Dores do mundo*, recupera o sentido grego do amor como sendo precisamente o que falta ao que ama, e todo o desejo nasceria então de uma necessidade, de uma privação, de um sofrimento. Quando se satisfaz a essa necessidade, a esse sofrimento, acalma-se; ainda que satisfeito um, muitos permanecem insaciados!<sup>7</sup> Nada a objetar.

Para um outro escritor, Charles Pinot Duclos (*Acaju e Zirfila*, 1741), *a desgraça dos que amaram é não encontrarem nada que substitua o amor*. Se há, nosso *caso*, nos *casos* clínicos, no amor transferencial, substituição

---

<sup>7</sup> *De mais, o desejo dura muito tempo, as exigências são infinitas, o gozo é curto e avaramente medido. E mesmo esse prazer uma vez obtido é apenas aparente: sucede-lhe outro, o primeiro é uma ilusão dissipada, o segundo uma ilusão que ainda dura. Nada há no mundo capaz de apaziguar a vontade, nem fixá-la dum modo duradouro: o mais que se pode obter do destino parece sempre uma esmola, que se lança aos pés do mendigo, que só conserva a vida hoje para prolongar o seu tormento amanhã. Assim, enquanto estamos sob o domínio dos desejos, sob o império da vontade, enquanto nos abandonamos às esperanças que nos acometem, aos temores que nos perseguem, ele não é para nós nem repouso nem felicidade amável.*

possível para o que se chama amor, está, para usar um termo de Lacan, aí, em *s'Outreposer*, isto é, aí, nessa *relação*, o *Outropor-se*. Reparem bem:

*O Outro, ouçam bem, o Outro, entendam bem, é então um ENTRE, o "entre" de que se trataria na relação sexual, porém deslocado, e justamente de "Outropor-se". De "Outropor-se", é curioso que, ao colocar esse Outro, o que tive que avançar hoje não concerne senão à mulher*<sup>8</sup>.

A mulher, isto é, o ao-menos-um no estado de pura existência do Outro, do Outro sexo. E, para usar a metáfora literária, no dizer de Kierkegaard, *A mulher é o sonho do homem*, antecipando Lacan que, creio, parafraseou Kierkegaard na afirmação de ser a mulher *sinthoma* do homem.

A Psicanálise é invenção, tanto quanto a Arte, a Literatura e a Ciência. Para nós, psicanalistas e psicanalisantes, no entanto, trata-se de invenção do significante em toda a sua transmutação numa combinatória entre significantes numa relação analítica. Nós, psicanalistas, não fazemos Lógica, Matemática, Filosofia, Arte ou Literatura, mas disso nos servimos para dar conta do que fazer quando fazemos análise, ao exercermos a clínica. Psicanálise, pois, interessa-nos no exercício de nosso ofício. Inventemos, então, nesse contexto clínico, admitindo, no entanto, não haver invenção completa, dado que há o Real. Oscilamos, no nosso ofício, entre os fatos clínicos e a invenção teórica, o discurso psicanalítico como ficção, ficção que funda um saber sobre um saber que não se sabe enquanto saber, a clínica, enfim, sob as contingências do humano: a morte, a mulher, o pai.

Jornada do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise  
Recife, 28 de maio de 2006.

---

<sup>8</sup> *L'Autre, ce n'est pas pour rien qu'il faut d'abord que j'en prenne l'appui. L'Autre, entendez-le bien, l'Autre, entendez-le bien, c'est donc un ENTRE, l' «entre» dont il s'agirait dans le rapport sexuel, mais déplacé, et justement de s' «Autre-poser». De s' «Autreposer», il est curieux qu'à poser cet Autre, ce que j'ai à avancer aujourd'hui ne concerne que la femme. (...Ou Pior, 8.3.72).*